

## Índice

Agradecimentos	9
Introdução à Presente Edição	15
Introdução	21
Quarenta Semanas	29
O Bebê de Lily Bart	53
Cólicas e Outras Histórias	63
Amar, Deixar	73
Mãebebé	87
Raposa Extraordinária	99
O Inferno na Terra	109
Ajuda	123
Não Te Esqueças de Gritar	135
Adeus ao Sono	147
Respirar	161
Dor de Alma	167
Créditos	173

## Introdução

Se a dado momento da minha vida me tivesse sido permitido descobrir o que o futuro me reservava, eu teria escolhido saber se ia ou não ter filhos. Mais do que o amor, mais do que o trabalho, mais do que a duração da vida ou a possível felicidade, esta era a pergunta cujo mistério me parecia mais premente. As outras coisas, eu conseguia imaginar; dar à luz uma criança, não. Queria saber se passaria por isso, não porque esse conhecimento fosse tornar a maternidade imaginável, mas porque me parecia que a questão não podia permanecer rodeada de incerteza sem se transformar numa obsessão. Era esta obsessão, tanto quanto o facto da própria maternidade, que eu queria ter sob controlo. Encarava-a como uma ameaça, uma forma de incapacidade que me marcava como desigual. Mas as mulheres têm de viver e vivem com a perspectiva de dar à luz: algumas temem-no, outras desejam-no, e algumas gerem-no com tanto sucesso que dão às demais a impressão de nunca pensarem no assunto. A minha estratégia pessoal consistia em negá-lo, e, desse modo, cheguei ao facto da maternidade chocada e impreparada, ignorante quanto às consequências desta chegada, e com a impressão, não fundamentada mas clara, de que a minha viagem até lá fora ao mesmo tempo tão aleatória e tão determinada por forças maiores do que eu própria, que dificilmente se poderia dizer que eu tivera voto na matéria.

Este livro é uma tentativa de descrever parte dessa chegada, e parte do drama do qual dar à luz é apenas a cena inicial. É, necessariamente, um registo pessoal de um período de transição. O desejo

que senti de me expressar acerca do tema da maternidade foi forte desde o início, mas permaneceu subterrâneo, abaixo da superfície reconfigurada da minha vida. Poucos meses após o nascimento da minha filha Albertine, desapareceu por completo. Esqueci-me deliberadamente de tudo o que sentira de forma tão intensa, havia tão pouco tempo: na realidade, não suportava senti-lo. O meu apetite pelo mundo era insaciável, omnívoro, uma expressão de desejo ardente por um certo eu perdido, pré-materno, e pela liberdade de que esse eu tinha porventura desfrutado, tinha porventura desbaratado. A maternidade era, para mim, uma espécie de edifício vedado, isolado do resto do mundo. Eu planeava constantemente a fuga, e quando me vi de novo grávida, seis meses volvidos sobre o nascimento de Albertine, saudei a minha antiga cela com a resignação de uma condenada que andava a monte e fora recapturada. Aquilo que eu começava cautelosamente a ver como liberdade transformou-se numa rede estreita instalada entre os troncos das duas gravidezes: estava cercada, e foi nessa altura que a estranha realidade da maternidade se me tornou uma vez mais evidente. Escrevi este livro durante a gravidez e os primeiros meses da minha segunda filha, Jessye, antes que pudesse escapulir-se de novo.

Forneço esta explicação com a triste suspeita de que um livro sobre maternidade não tem verdadeiro interesse para ninguém a não ser outras mães; e mesmo assim apenas mães que, como eu, consideram a experiência tão marcante que ler acerca dela exerce um efeito estranhamente hipnótico. Digo «outras mães» e «apenas mães» como se me desculpasse: a experiência da maternidade perde quase tudo na sua tradução para o mundo externo. Na maternidade, uma mulher troca a sua importância pública por uma variedade de significados íntimos e, como sons fora de uma determinada gama, estes podem ser de identificação difícil para outras pessoas. Se uma pessoa escutar uma parte distinta de si, talvez os ouça. «Toda a vida humana existente no planeta nasceu de uma mulher», escreveu a poeta e feminista norte-americana Adrienne Rich. «A única experiência unificadora e irrefutável partilhada por todas as mulheres e todos os homens consiste naquele período de meses passado em desenvolvimento dentro do corpo de uma mulher... A maior parte de nós conhece primeiro tanto o amor como a decepção, o poder como a

ternura, na pessoa de uma mulher. Carregamos a marca dessa experiência durante toda a vida, e mesmo na morte.»

Há, evidentemente, muitas análises, histórias, polémicas e estudos sociais importantes acerca da maternidade. Esta foi seriamente analisada como uma questão de classe, geografia, política, raça, psicologia. Em 1977, Adrienne Rich escreveu o livro essencial *Of Woman Born: Motherhood as Institution and Experience*, e é inspirada pelo seu exemplo que ofereço o meu próprio relato. Tive porém a impressão, ao tornar-me mãe, de que nada fora escrito acerca do assunto: este pode ser meramente um bom exemplo daquela surdez tonal que descrevi e que aflige todo o não progenitor sempre que um progenitor fala, transtorno que se adquire na infância e que nos leva, enquanto adultos, a perguntarmo-nos, estupefactos, porque é que nunca nos avisaram — os nossos amigos, *as nossas mães!* — de como era ser progenitor. Estou certa de que a minha própria reação, há três anos, ao livro que agora escrevi teria sido perguntar-me porque se dera a autora o trabalho de ter filhos, se pensava que era tão horrível.

Isto não é um estudo nem uma história da maternidade, nem, para o caso de alguém ter chegado até aqui e continuar a alimentar essa esperança, um livro sobre como ser mãe. Limitei-me a escrever o que pensava acerca da experiência de ter um filho, de uma maneira com que, esperava eu, outras pessoas conseguissem identificar-se. Enquanto romancista, admito que considero este tipo de escrita franca ligeiramente alarmante. Além da possibilidade de auto-revelação, exige da parte do autor uma disponibilidade para invadir as vidas dos que o rodeiam. No caso em apreço, fi-lo por omissão. Não disse muito acerca das minhas circunstâncias particulares, nem sobre as pessoas com quem vivo, nem a respeito das relações que inevitavelmente rodeiam a relação que descrevo com a minha filha. Em vez disso, usei aspetos da minha vida como uma tela onde o tema, que é a maternidade, podia ser convenientemente ilustrado.

Mas a questão dos filhos e de quem toma conta deles tornou-se, a meu ver, profundamente política, e por isso seria contraditório escrever um livro sobre maternidade sem explicar até certo ponto como arranjei tempo para o escrever. Durante os primeiros seis meses de vida da Albertine, tomei conta dela em casa enquanto o meu companheiro continuou a trabalhar. Esta experiência revelou-me à

força uma coisa em que eu nunca tinha pensado muito: após o nascimento de uma criança, as vidas da mãe e do pai divergem, e se antes estes viviam num estado de alguma igualdade, passam então a existir numa espécie de relação feudal. Um dia passado em casa a tomar conta de uma criança não podia ser mais diferente de um dia passado num escritório a trabalhar. Independentemente dos seus méritos relativos, são dias passados em lados opostos do mundo. Desse início inconciliável, pareceu-me inevitável um certo tipo de deslize para o patriarcado mais profundo: o dia do pai revestir-se-ia gradualmente da armadura do mundo exterior, do dinheiro, da autoridade e da relevância, ao passo que o âmbito da mãe se alargaria para cobrir toda a esfera doméstica. É bem sabido que nos casais em que ambos trabalham a tempo inteiro a mãe faz geralmente mais do que a parte que seria justa do trabalho doméstico e dos cuidados dos filhos, e é aquela que sacrifica o horário de trabalho para satisfazer as exigências da parentalidade. Esta é uma questão de política sexual, e mesmo no lar mais generoso — como considero ser o caso do meu — o fosso entre quem trata dos filhos e quem trabalha é profundo. Transpô-lo é extremamente difícil. Uma solução consiste em o pai ficar em casa enquanto a mãe trabalha: na nossa cultura, o masculino e o feminino continuam tão divididos, tão imbuídos de conservadorismo, que um homem talvez pudesse tomar conta dos filhos sem sentir que era criado da companheira, mas poucos homens aceitariam o prejuízo para a sua carreira profissional que tal decisão acarreta — os que estariam dispostos a fazê-lo encontram-se mais empenhados na igualdade do que a maioria e arriscam-se à mesma perda de autoestima que torna a conjugação da carreira com a maternidade uma possibilidade tão remota para as mulheres. Ambos os progenitores podem trabalhar e empregar uma ama, ou por vezes podem fazer os dois semanas de trabalho mais curtas e passar à vez alguns dias em casa e outros no trabalho. Isto é bastante mais difícil quando há um que trabalha em casa, apesar da crença generalizada em que uma carreira como a minha é «ideal» para quem tem filhos. É inevitável que recaia sobre aquele que trabalha em casa uma quota-parte injusta da responsabilidade doméstica. O papel deste começa a assemelhar-se ao de um controlador de tráfego aéreo.

A prestação de cuidados infantis paga e a tempo inteiro era o que em tempos eu, com a alegre falta de sentimentalidade de quem não tem filhos, acreditara ser a solução para o imbróglio trabalho/maternidade. Nesse tempo, a equidade parecia-me o mais importante de tudo. Não entendia o desafio que a gravidez e o parto representam para o conceito de igualdade sexual. Dar à luz não divide apenas mulheres e homens: divide também as mulheres de si mesmas, de tal modo que o entendimento de uma mulher acerca do que é existir se altera profundamente. Existiu nela outra pessoa que depois do parto vive na jurisdição da sua consciência. Quando está com essa pessoa não é ela própria; quando está sem essa pessoa não é ela própria; e por isso é tão difícil a uma mãe deixar os filhos como ficar com eles. Descobrir isto é sentir que a vida se atolou irremediavelmente num conflito ou foi apanhada numa qualquer armadilha mítica na qual se debaterá perpetuamente e em vão.

No meu caso, tomou-se a decisão de fazer cair por terra a cultura familiar tradicional, e isso foi olhado pelas outras pessoas com espanto, aprovação e horror. A versão de vida familiar mais castigadora e impraticável parece suscitar menos comentários e apreensão do que o simples abandono da convencionalidade. O meu companheiro demitiu-se do emprego e saímos de Londres. Começaram a perguntar por ele como se estivesse muito doente, ou morto. O que é que ele ia *fazer?*, perguntavam-me avidamente, e depois, não obtendo resposta, perguntavam-lhe a ele. Vou tomar conta das filhas enquanto a Rachel escreve o livro sobre tomar conta das filhas, era o que ele respondia. Ninguém mais parecia achar isto especialmente engraçado.

Tomar conta de filhos é uma ocupação menor. Leva ao isolamento, muitas vezes é maçadora, e é constantemente exigente e esgotante. Corrói a autoestima e a pertença ao mundo adulto. Quanto mais separada está do resto da vida, mais difícil se torna; e trazer os filhos para a existência do adulto, em vez de ir o adulto para a existência deles, também é difícil. Mesmo quando se concebe uma versão de vida aceitável para todos, continua a haver desejos por satisfazer. É minha convicção que nesta empresa a generosidade é mais importante até do que a igualdade, quando mais não seja por a demonologia da parentalidade ser tão católica, atraindo a si os epítetos de